

PROTAGONISMO MIDIÁTICO INFANTIL: análise do comportamento informacional de vlogueiros contadores de histórias

INFANTILE MEDIATIC PROTAGONISM: analysis of informal behavior of vlogueiros story counters

Rayara Bastos Barreto
UFC

Laiana Ferreira de Sousa
UFPB

RESUMO

Apresenta a mediação da informação no contexto do ciberespaço. Analisa o comportamento informacional de vlogueiros infantis de uma escola da rede privada da cidade de Fortaleza do estado do Ceará com base nos aspectos teóricos e metodológicos das perspectivas de comportamento informacional propostos por Kuhlthau (1991), no qual o processo de busca de informação está centrado no indivíduo e se forma através da construção pessoal, na qual o usuário parte da informação para produzir novos conhecimentos. Utiliza a metodologia de pesquisa bibliográfica e exploratória na qual os dados foram analisados a partir das categorias: mediação da informação, interação/motivação e protagonismo midiático infantil.

Palavras-chave: Mediação da informação. Comportamento informacional. Protagonismo Midiático infantil. Biblioteca Escolar. Contação de Histórias.

ABSTRACT

It presents the mediation of information in the context of cyberspace. It analyzes the informational behavior of children's voters from a private school in the city of Fortaleza, Ceará state, based on the theoretical and methodological aspects of the perspectives of informational behavior proposed by Kuhlthau (1991), in which the information search process is centered In the individual and forms through the personal construction, in which the user part of the information to produce new knowledge. It uses the methodology of bibliographic and exploratory research in which the data were analyzed from the categories: information mediation, interaction/motivation and children's media protagonism.

Keywords: Mediation of information. Informational behavior. Infantile mediatic protagonism. School Library. Storytelling.

1 INTRODUÇÃO

*Acho que não podem me escutar...
E tenho quase certeza de que não podem me ver.
Alguma coisa me diz que estou invisível...
Alice - Através do Espelho*

Havia uma lenda. Crianças em volta da fogueira. E um monstro. Uma história bem simples que começa como toda história deve começar... Era uma vez palavras soltas ao vento que procuravam um lar, eram palavras bagunceiras que viviam se disfarçando de sentimentos, uma hora se vestiam de tristeza, outras de alegria, mas nunca duravam mais que um momento, o que na verdade as mais intrigava era uma lenda. A lenda dizia que um dia elas seriam imortais, mas para que isso acontecesse teriam que se aliar com um terrível monstro.

O monstro morava no ciberespaço, não havia outro caminho além do virtual para se chegar... as palavras não desistiram... unidas partiram... no caminho, porém descobriram que para realizar essa aventura precisavam de um precioso pó de pirlimpimpim que só existia na ponte da mediação. “Se você gostou desse vídeo deixe seu *like* e faça sua inscrição”. Conteúdo compartilhado. Conteúdo imortalizado.

Vivemos um novo paradigma social, descritos por alguns autores, como sociedade da informação ou sociedade em rede alicerçada no poder da informação (CASTELLS, 2003), sociedade do conhecimento (HARGREAVES, 2003) ou sociedade da aprendizagem (POZO, 2004). Um mundo onde o fluxo de informações é intenso e o conhecimento é um recurso flexível, fluido, sempre em expansão e em mudança” (HARGREAVES, 2003, p. 33). Sob tais circunstâncias, percebe-se a necessidade de buscar a compreensão do comportamento informacional no contexto do ciberespaço ciente que este é uma realidade e um espaço de troca e construção de saberes.

O *Youtube* (*you* – você/ *tube* – televisão = a televisão feita por você) foi criado em fevereiro de 2005, por Chad Hurley e Steve Chen, dois funcionários de uma empresa de tecnologia situada em São Francisco, EUA. A principal função do site é permitir que os usuários carreguem, assistam e compartilhem vídeos em formato digital. Em 2006 a

vista américa *Time* o elegeu como a melhor invenção de 2006, no mesmo ano foi comprado pelo *Google*.¹

Não há uma estatística exata de quantos canais surgem diariamente com conteúdo produzido por/para crianças, mas há uma pesquisa datada de 2016 que revela que quase metade dos cem canais mais vistos no Brasil tem conteúdo para criança.² Ao contrário da personagem Alice na epígrafe que abre a presente seção as crianças estão sendo vistas, ouvidas e de maneira alguma são invisíveis o que denota o crescente protagonismo infantil através da participação das crianças no palco midiático no ciberespaço.

Todos os dias surgem novos canais no *Youtuber* com diferentes conteúdos abordados, desde moda, música, beleza, livros à assuntos aleatórios. Um exemplo representativo da participação de crianças nessa grande rede é o uso de um costume arraigado na tradição da cultura e no cerne da humanidade que vem atravessando o tempo e resignificando a história, a contação de histórias. As crianças usam a internet para falar sobre as histórias dos livros que estão lendo ou que gostariam de ler. Fazem a contação de histórias de um modo mais descontraído e descompromissado do que vimos nos palcos da contemporaneidade. O já quase tradicional “joinha” no final do vídeo vem traduzindo essa realidade da palavra mediada no cenário do ciberespaço,

Na comunicação mediatizada, a mediação é o elo entre o enunciador e o destinatário pelo qual se fundam e garantem a coerência e a continuidade institucionais da comunicação. A mediação manifesta-se na emergência de uma linguagem, de um sistema de representações comum a toda uma comunidade, a toda uma cultura. E, ao mesmo tempo, esse sistema de representação gera um sistema social, coletivo, de pensamento, de relações, de vida, ou seja, uma sociabilidade, que corresponde a uma forma de identificação social e é equivalente, na lógica da pertença, à identificação simbólica ao outro na lógica da filiação e da subjetividade. Entenda-se por sociabilidade o conjunto de representações, de condutas e de práticas pelas quais uma pessoa é reconhecida como pertencendo a uma mesma sociedade. A manifestação concreta das mediações resulta de uma evolução verificada na vida pessoal, ou seja, o social surge na consciência. (SILVA, 2010, p. 3).

¹ DANTAS, Tiago. "Youtube"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em 01 de abril de 2017.

² Fonte: <http://temas.folha.uol.com.br/influenciadores-digitais/a-sociedade/quase-metade-dos-cem-canais-mais-vistos-tem-conteudo-para-crianca.shtml> Acesso em: 01 de abril de 2017.

³ Vlog é a abreviação de videoblog (vídeo + blog), um tipo de blog em que os conteúdos predominantes são os vídeos. A grande diferença entre um vlog e um blog está mesmo no formato da publicação. Ao invés de publicar textos e imagens, o vlogger ou vlogueiro, faz um vídeo sobre o assunto que deseja.

O contexto vivido por esses jovens vlogueiros ³, ainda é a escola, espaço em que convivem com outras crianças e dali conquistam também novos seguidores. Foi nesse âmbito estudantil que identificamos a existência de estudantes que frequentavam a Biblioteca da escola para selecionar novas histórias a serem narradas em seus canais do Youtuber. Ao perceber que alguns garotos buscavam livros com bastante frequência na biblioteca, foi realizado um encontro com jovens youtubers que possuíam canais para divulgar os livros lidos e contar as histórias. Essa atividade demonstra o quanto a biblioteca escolar pode promover o protagonismo infantil, ao passo em que alia o incentivo à leitura às novas possibilidades de comunicação mediada pelas tecnologias.

Diante do exposto, o presente trabalho objetivo analisar o comportamento informacional de vlogueiros infantis de uma escola da rede privada da cidade de Fortaleza do estado do Ceará com base nos aspectos teóricos e metodológicos das perspectivas de comportamento informacional propostos por Kuhlthau (1999), no qual o processo de busca de informação está centrado no indivíduo e se forma através da construção pessoal, ou seja, o usuário parte da informação para produzir novos conhecimentos. A condução deste trabalho pautou-se no referencial teórico que consubstanciassem os grandes temas centrais da referida pesquisa.

2 ERA UMA VEZ UMA FOGUEIRA MIDIÁTICA PERSPECTIVAS DIALÓGICAS ENTRE A TRADIÇÃO E O CIBERESPAÇO COM APORTE TEÓRICO NA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

*Como é possível que vocês possam falar tão bem?
Estive em muitos jardins antes, mas nenhuma flor podia falar.
Alice - Através do Espelho*

A infância é um conceito construído socialmente, ou seja, ela é definida a partir dos moldes culturais e sociais presentes na sociedade. Atualmente, vivemos por trás de um domínio das técnicas de comunicação e das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) que modificaram as práticas sociais, possibilitando que informações estejam ao alcance de grande parte da população. Nesse contexto atual, acredita-se que as experiências das crianças com as novas tecnologias e a facilidade de acesso aos conteúdos midiáticos são questões que interferem diretamente no desenvolvimento infantil.

A nova geração que está se formando é de garotos, cada vez mais, envolvidos e familiarizados com as tecnologias, que lidam mais facilmente com o novo e praticam o consumo de produtos e serviços disponíveis no ciberespaço. Na sociedade atual em que vivemos isso é possibilitado aos menores ao passo em que o mercado abre espaço para esse novo segmento, criando atrativos e instaurando novas necessidades. Ao ganhar o status de consumidora essas crianças possuem autonomia para escolher e decidir por si mesmos e opinarem nas decisões dos pais.

Nesse sentido, no contexto midiático, a infância vai sendo caracterizada não somente pelo alto consumo e uso excessivo das mídias eletrônicas, mas também por fazer parte desse universo, se apropriando das ferramentas tecnológicas ao mesmo tempo em que a transforma.

Para Giddens (1991), a natureza e o formato da modernidade só podem ser compreendidos em sua interconexão com as instituições de comunicação. Para o autor elas agem como instâncias “formativas” das sociedades modernas, pois promovem a “mediação da experiência” estando presente na vida das pessoas e condicionando o viver contemporâneo.

Desse modo, é preciso evidenciar que, para esta pesquisa, a mediação é entendida como uma ação capaz de criar e construir significados, independente dos recursos utilizados para prover o intercâmbio de informações, o ato de mediar inclui também o de interferir, portanto contribui na transformação daquilo que está sendo mediado.

Neste artigo, a mediação está relacionada ao conteúdo que é transmitido por vlogueiros infantis através da rede social *Youtuber*. Nesses espaços as crianças participam da lógica de compartilhamento de informação através do uso da sua própria imagem, veiculada através do vídeo.

Etimologicamente, a palavra “mediador” deriva do latim *mediator*. O termo “mediador”, então, origina-se de *mediari*, que significa intervir, colocar-se em duas partes, de *medius*, “que está no meio ou entre dois pontos” (CUNHA, 2007, p. 509). Para o francês Jean Davallon (2007, p.5), essa concepção faz parte de uma conceituação de puro “uso comum, uma primeira utilização que se divide entre o senso científico e o senso comum”. No entanto esse termo recebe diversos conceitos, já que “cada domínio de investigação possui o seu próprio uso – ou mesmo a sua própria definição – de mediação”. (DAVALLON, 2007, p. 9).

Dessa forma, as terminologias mediação, mediações, mediador e mediando,

podem ser vistas em diferentes concepções e discursos variados, dependendo do campo de estudo que esteja sendo empregado, tornando simples a apropriação do termo. Por outro lado, a variada extensão de estudos sobre o assunto e do uso que se faz do mesmo termina por ocasionar uma ausência de precisão.

No caso desta pesquisa, analisaremos a relação das crianças com canais virtuais que propagam conteúdos que se referem aos livros literários de diversos assuntos. As crianças gravam e editam esses vídeos para depois enviar para as redes sociais com intuito de divulgar suas experiências e escolhas de leitura. Na contramão dessas ações, esses jovens youtubers estão mediando informação no meio virtual e, de certo modo, ao passo em que contribuem para disseminar o conteúdo de livros desperta a curiosidade de outras crianças.

2.1 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: DA TRADIÇÃO AO CIBERESPAÇO

O encantamento da contação de história nos remete há um mundo de possibilidades e ressignificações, de construção e compartilhamento de saberes. É essa flor falante em meio ao jardim informacional,

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. **Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.** Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como **a mão do oleiro na argila do vaso** (BENJAMIN, 1994, p. 205, grifo nosso).

Nesses encontros surgiu o que Benjamim (1994) dominou de *comunidade de ouvintes*. Eram momentos de troca de conhecimento através da contação de histórias, muitos desses momentos vivenciados ao redor de fogueiras. A figura do artesão no sistema medieval foi responsável pelo desenvolvimento da arte de narrar. O autor compara a dinamicidade da narração com a atividade do oleiro moldando o vaso. Não há nada mais romanesco e humano que entender que o contador dar forma a história à medida que a conta. Isso explica as especificidades de cada época na qual a narração foi sendo construída, até chegar aos nossos dias, o que não teria sido possível sem o olhar atento de alguns escritores que lutaram pela preservação do que hoje nos permite transcender o real, os primeiros e eternos contos de fada.

Escritores como o francês Charles Perrault e os alemães Wilhelm e Jacob Grimm, contribuíram de forma significativa para a preservação das narrativas, em momentos críticos em que o hábito de contar histórias correu o risco de desaparecer. Conforme Philip destaca,

Seu sucesso incentivou outros pesquisadores a **preservar** para a posteridade a riqueza do folclore mundial. Nos quatro cantos do planeta esses estudiosos saíram à cata de **contadores de histórias** e registraram seus relatos fielmente. (PHILIP, 1998, p.15, grifo nosso.).

Apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão “Contação de Histórias” só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX. Bussatto (2005) destaca, portanto, que se trata de um neologismo e de uma expressão relativamente nova.

Após quase ter desaparecido, em consequência do surgimento das novas mídias, os contadores de histórias ressurgem como fenômeno urbano, dando origem, ao que hoje se conhece como novos contadores, ou contadores urbanos. Foi um retorno que surpreende, até hoje, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e a enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos que existem nas sociedades modernas. (SISTO, 2001).

Os Contadores Urbanos de Histórias surgiram em meados do século XX, pós Revolução Industrial, nos países industrializados da América e da França. Esse novo perfil se diferencia do tradicional, segundo Ong (1998), pois lida com uma matéria oral secundária, ou seja, com a escrita, enquanto os tradicionais usavam a linguagem oral primária. Utilizam na contação palavras retiradas das produções da literatura, arquivadas nas bibliotecas por décadas. As narrativas orais primárias, utilizadas pelos contadores tradicionais raramente são utilizadas nesse novo cenário no qual o reconto surge, um cenário tido como sagrado, da escrita, das bibliotecas.

As produções de escritores preocupados em recuperar as narrativas orais, como Perrault e os Irmãos Grimm, já citados anteriormente, foram contribuições decisivas na cultura escrita, reconstruindo a riqueza das culturas orais. Suas produções possibilitam o acesso às narrativas das gerações precedentes.

Coentro (2008) destaca algumas das diferenças entre os contadores tradicionais e esses novos contadores. Menciona, entre outras, o fato de as narrativas dos contadores tradicionais propiciarem momentos de reflexões sem, porém, permitir um intercâmbio

de ideias entre ouvinte e contador, sendo esta na contemporaneidade das narrativas uma constante.

Aquele que ouve também constrói a história. A possibilidade surge a partir do diálogo que, anteriormente, era mais presente já que os causos faziam parte da vida dessas pessoas, tendo em vista que as histórias não possuíam caráter multidisciplinar e pedagógico, característicos da atualidade, já que como fora dito, eram histórias do cotidiano da comunidade. Apesar de estes novos contadores terem buscado uma aproximação e/ou um “resgate” dos contadores tradicionais, este está estritamente relacionado à memória e viés performático. (ZUMTHOR, 2010).

O imediatismo tecnológico do século XXI possibilita o encontro entre a narração oral tradicional e o suporte digital ao passo que o contador de histórias se vale dos palcos midiáticos para narrar e encantar sua comunidade de ouvintes, “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 2000, p. 92), no qual múltiplos sentidos são construídos através da mediação da informação, vale ressaltar que esse processo se estabelece de duas formas: a mediação implícita e a explícita,

A primeira, a mediação implícita, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços, como já observado, estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação. A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92).

Cavalcante (2015) ressalta que a palavra mediada pelo sujeito narrador, é, por conseguinte, primordial para a cultura tendo em vista que a mediação da leitura, sob a ótica da narrativa oral amplia a noção do texto, indo além da palavra escrita.

Se abre em um processo de comunicação, ancorado na interação social, estabelecendo as condições necessárias para a produção e apropriação de sentidos a partir das experiências vividas individualmente de ambos: mediador e leitor. **Sob tais aspectos, percebe-se claramente a ligação entre cultura e comunicação, que surge das vivências dos indivíduos em sociedade.** (2015, p. 113, grifo nosso.).

O ciberespaço se configura como um instrumento importante no contexto educacional, nessa nova perspectiva, Weschenfelder (2009) ensina que:

Ler, escrever e contar histórias na era do terceiro pólo do espírito humano- o pólo informático-midiático- pressupõe que o binômio professor-escola adote posturas teórico-pragmáticas que valorizem a inteligência coletiva, a polifonia, a interdisciplinaridade e a intertextualidade, posto que os novos atores da comunicação, agora ligados aos neurônios digitais, já dividem o mesmo hipertexto numa situação inédita de interatividade e receptividade, onde todas as formas de vozes produzem o megatexto, produto de um empreendimento coletivo. (WESCHENFELDER, 2009, p. 37).

Nesse processo de união entre a ludicidade e os novos suportes tecnológicos surgem oportunidades de trocas simbólicas e enriquecimento cultural, a seguir veremos essa dinamicidade no contexto escolar.

3 ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: FICÇÃO OU REALIDADE? PÓ DE PIRLIMPIMPIM RESPONDE?

Ponha a mão na terra e sinta.

Alice - Através do Espelho

3.1 BIBLIOTECA ESCOLAR: PERSPECTIVAS DIALÓGICAS

Não há como discursar sobre Biblioteca Escolar (BE) sem estar de fato inserida na mesma, se faz necessário pôr a mão na terra, sentir a realidade. Vale ressaltar que a missão da BE é “proporcionar informação e ideias que são fundamentais para o sucesso de seus cidadãos baseada na informação e no conhecimento”. (IFLA/UNESCO, 2006, p.3). Como um espaço fundamental dentro do contexto escolar se torna de suma importância a presença do profissional bibliotecário escolar como “mediador da informação e como um agente para a consecução dos objetivos dos projetos político pedagógicos da escola onde atua”. (MACEDO, 2005).

Há quase dez anos Kuhlthau (1998) já alertava sobre a importância de preparar os estudantes para o ambiente tecnológico,

A tecnologia, particularmente os computadores conectados à Internet e o vídeo conectado por satélite, está modificando o ambiente de aprendizagem. Mesmo quando se dispõe de pouca ou nenhuma tecnologia na escola, não se pode

perder de vista que o mundo para o qual está se preparando o estudante é um mundo voltado para a tecnologia. As escolas precisam preparar seu aluno para o uso inteligente da informação disponível através da tecnologia, em todos os aspectos de sua vida. O processo de aprendizagem a partir de uma ampla variedade de fontes é o desafio crítico para as escolas na sociedade da informação. [...] Uma das características mais importantes da tecnologia é que ela modifica o ambiente de aprendizagem, transformando o ambiente escasso em termos de fontes de informação em um ambiente de abundância de fontes. Esta mudança é extremamente importante e seu impacto na aprendizagem escolar, bem como no mundo fora da escola não pode ser subestimado. (KUHALTHAU, 1998, p. 9).

Mundo fora da escola, a realidade do virtual, o impacto de aprendizagem na escola, diante do exposto é válido discutir sobre comportamento informacional dos alunos no uso da tecnologia, no caso *youtuber*, mas antes de adentrarmos nesse aspecto discurso versaremos sobre o prisma de Kuhlthau (1991) acerca de comportamento informacional.

3.2 MODELO COMPORTAMENTAL DE CAROL KUHALTHAU

Carol Kuhlthau é uma das autoras mais citadas no campo do comportamento informacional, pois além das atitudes do indivíduo, avança na compreensão das dimensões cognitiva e afetivas nos processos de busca e uso da informação. Para ela as atividades de pesquisas é muito mais que atividade intelectual, é produto de ações, sentimentos e pensamentos que se passa em cada uma das fases da pesquisa. Com uma visão construtivista do aprendizado, sua teoria foi denominada Processo de Busca da Informação (*ISP - Information Search Process*) (FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 26).

O modelo de Kuhlthau (1991) detalha os sentimentos que acompanham os indivíduos durante todas as etapas, sendo válido citar que estes sentimentos são analisados como inerentes a um processo de busca de informação. Tal modelo foi obtido através da análise do processo de busca de informação de estudantes de graduação que estavam desenvolvendo suas monografias. Através deste estudo, Kuhlthau (1991) analisou como este processo se caracteriza, concluindo que o mesmo ocorre através de ações, de pensamentos e sentimentos que acontecem durante os estágios do *ISP*. Para Kuhlthau (1991) o processo de busca de informação é centrado no indivíduo, formando-se através da construção pessoal, na qual o usuário parte da informação para criar novos conhecimentos. O objetivo do escopo do referido trabalho é analisar o comportamento

informacional de vlogueiros infantis na construção de conteúdo para seus respectivos canais.

O *ISP* é formado por um conjunto de seis etapas, com um estágio inicial, etapas meio e fim e que representam partes de um processo. A denominação que é dada a cada parte está diretamente ligada a principal atividade realizada na mesma. Os estágios do modelo *ISP* de Kuhlthau (1999, p. 11) são os seguintes: iniciação, seleção, exploração, formulação, coleta e apresentação, com um estágio adicional de avaliação. Estes estágios são denominados de acordo com a tarefa primária a ser realizada em cada ponto no processo.

Kuhlthau (1999, p. 11-12) explica sobre os estágios e o comportamento/sentimento dos estudantes na tabela a seguir:

Tabela 1: *Information Search Process (ISP)* - Processo de Busca de Informação

ESTÁGIO	COMPORTAMENTO/SENTIMENTO DO ESTUDANTE
Iniciação: marca o início do processo, quando um projeto ou problema é introduzido pela primeira vez.	O estudante fica frequentemente confuso e inseguro em relação a como proceder. Inicialmente seu pensamento centra-se no que o professor deseja e em exigências mais mecânicas da tarefa. Ao contrário, seu pensamento necessita voltar-se para o que ele já sabe, para novos questionamentos que aparecem e direcionar-se para as oportunidades de aprendizagem que o projeto oferece.
Seleção: É o momento para o estudante identificar um tópico geral de pesquisa.	Após selecioná-lo, ele tem uma pequena sensação de otimismo, por ser capaz de realizar a tarefa. Entretanto, alguns estudantes levam mais tempo do que outros nesta tarefa. Aquele que não seleciona logo o seu tema de pesquisa torna-se geralmente ansioso por estar atrasado em relação ao grupo. O ritmo do processo de pesquisa pode variar enormemente de acordo com a pessoa e o problema.
Exploração: É o mais difícil de todo o processo. [...] O aluno precisa mais ser guiado na tarefa de explorar informação para definir um foco para sua pesquisa, do que apenas coletar fontes irrefletidamente.	Após a escolha de um tema geral, o estudante espera ser capaz de ir diretamente para a fase de coleta da informação e finalizar a tarefa. [...] é comum durante este estágio que a confiança do estudante diminua drasticamente, à medida que ele encontra informação inconsistente e incompatível, [...] o estudante pode começar a duvidar da conveniência do tema, da adequação das fontes de informação, e de sua própria habilidade para realizar a tarefa. [...] quando o estudante confunde o estágio de exploração com o

	de coleta, acaba aplicando estratégias de coleta na tarefa de exploração [...] quando os dois estágios se confundem, o estudante tem dificuldade ao final do projeto, quando está preparando a apresentação. Frequentemente copia partes inteiras de um texto porque ainda não formou sua perspectiva pessoal sobre o que escrever, o que ocorre porque não entendeu o que leu.
Formulação: É conceitualmente o mais importante. [...] formar uma perspectiva focalizada, a partir da informação que leu e sobre a qual refletiu [...] O foco fornece uma ideia guia, um tema ou uma linha na qual basear a coleta de informação; fornece a estrutura para construção de conhecimento e aprendizagem novos.	Quando o estudante se torna consciente da necessidade de estabelecer um foco para seu trabalho, adquire uma estratégia para selecionar informação e para compreender a forma de usá-la, muito mais do que simplesmente localizá-la. O estudante precisa de orientação no uso da informação que o leve a pensar, refletir e interpretar a informação que está reunindo. O projeto começa então a tomar forma.
Coleta: A tarefa do estudante é reunir informação que defina e apoie o foco estabelecido no estágio anterior; o foco é, posteriormente, delineado e aclarado.	O estudante faz conexões e extrapolações a partir da informação reunida. Muitas das estratégias usadas na pesquisa tradicional em biblioteca são úteis neste ponto, como por exemplo, a pesquisa exaustiva por assunto e a anotação detalhada.
Apresentação: A tarefa do estudante é completar o projeto, descrevendo a perspectiva focalizada e preparando-se para apresentar para os colegas o conhecimento obtido.	Este pode ser um estágio difícil caso a fase de formulação tenha sido mal trabalhada, principalmente para o estudante que simplesmente copiou trechos de algumas fontes e que realmente não refletiu muito sobre o significado da informação coletada.
Avaliação: O estudante revê todo o processo, examinando o progresso obtido, bem como o que aprendeu.	Isto o ajuda a relembrar as fases do processo de pesquisa o que pode ser útil na elaboração de novos projetos, e a pensar nelas como seu próprio processo de aprendizagem.

Fonte: Kuhlthau (1999, p. 11-12).

O modelo *ISP*, incorporado aos programas de educação de usuários, pode tornar as pessoas mais conscientes a respeito do processo de pesquisa, e possibilitar que elas compreendam mais efetivamente os sentimentos que afetam o uso da informação. Ele ainda oferece uma articulação das experiências comuns dos usuários, e quando é compartilhado pelos mesmos, pelo intermediário da informação e pelo sistema, pode subsidiar a interação desses elementos (FIALHO; ANDRADE, 2007, p. 27).

4 METODOLOGIA

*Deveria saber em que direção está indo
mesmo que não saiba o próprio nome!
Alice - Através do Espelho*

Tendo por base Oliveira (2007), compreende-se que método é um conjunto de processos pelos quais se torna possível conhecer uma determinada realidade, produzir determinado objeto ou desenvolver certos procedimentos ou comportamentos.

Para desenvolver esta pesquisa utilizamos como metodologia o Construcionismo Social que pode ser definido como uma perspectiva de observação e análise da realidade a partir de uma visão sócio-histórica, negando qualquer essência nos fenômenos humanos. Ciente que o mesmo também objetiva compreender o sujeito, com base na construção de suas histórias, nos valemos da Análise Estrutural das Narrativas, onde considera-se que a narrativa é uma forma particular de discurso, além do método qualitativo.

4.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO: PERCURSOS METODOLÓGICOS

A análise de conteúdo é abordada por diversos autores sob prismas diferenciados, tanto no que concerne a conceitos como também as terminologias. No escopo deste trabalho, toma-se como base a conceituação de Bardin (2006), bem como as etapas das técnicas explicitadas por esse autor, que serão elencadas posteriormente para fins explicativos. Tal escolha se deve ao fato do referido autor ser o mais citado no Brasil em pesquisas que adotam a análise de conteúdo como técnica de análise de dados. Bardin (2006, p. 38) refere que a análise de conteúdo consiste em,

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Esta técnica propõe analisar o que é explícito no texto para obtenção de indicadores que permitam fazer inferências. Percebe-se que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que tem como objetivo ultrapassar as

incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. Como afirma Chizzotti (1995, p. 98), “o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.

Bardin (2006) organiza em três fases as etapas da técnica de análise de dados conforme explicitado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Quadro explicativo das três fases da análise de dados

1 Pré-análise	2 Exploração do material	3 Tratamento dos resultados, inferência e interpretação
(a) leitura flutuante	(a) exploração do material com a definição de categorias (sistemas de codificação)	(a) condensação e o destaque das informações para análise
(b) escolha dos documentos	(b) identificação das unidades de registro: unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à contagem frequencial)	(b) interpretações inferenciais: é o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica
(c) formulação das hipóteses e dos objetivos	(c) identificação das unidades de contexto nos documentos: unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro	
(d) referenciação dos índices e elaboração de indicadores		

Fonte: Bardin, 2006, adaptado pelas autoras.

É importante esclarecer que a segunda fase é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao corpus (qualquer material textual coletado) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase (BARDIN, 2006).

5 PROTAGONISMO MIDIÁTICO INFANTIL: ANÁLISE DO COMPORTAMENTO INFORMACIONAL DE VLOGUEIROS CONTADORES DE HISTÓRIAS

*Então no fim das contas a coisa realmente aconteceu!
E agora, quem sou eu?
Vou me lembrar se puder!
Estou decidida!
Alice - Através do Espelho*

Os dados da pesquisa foram analisados a partir das categorias: mediação da informação, interação/motivação e protagonismo midiático infantil. O encontro com os vlogueiros ocorreu no cenário da escola e foi mediado pela bibliotecária da instituição que também é contadora de história, ou seja, foi um momento único de compartilhamento de saberes de maneira lúdico didática. Foram 10 vlogueiros que participaram do encontro com faixa etária entre 8 e 11 anos, seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Todos os canais já existem há mais de um ano. A partir de um bate papo dentro da programação do encontro foram obtidas impressões acerca das categorias de análise propostas. As impressões são do grupo analisado e não de cada vlogueiro de maneira separada e serão dispostas em forma de texto corrido.

A primeira categoria intitulada mediação da informação teve como objetivos: conhecer a origem dos vlogs, escolha/ preparação do conteúdo e na concepção das próprias crianças uma identificação/definição da mediação realizada pelas mesmas.

Quanto a origem, todos no grupo foram enfáticos ao afirmar que foram influenciados pela mídia no que concerne a serem inscritos em outros canais também geridos por crianças e sentirem a necessidade de terem seu próprio espaço. Todos os canais são sobre leitura e realizam atividades de indicação de leitura. O conteúdo é selecionado, preparado e divulgado pelas próprias crianças. Onde a maioria utiliza livros emprestados na biblioteca escolar para realizar contação de histórias nos seus respectivos canais. Houve apenas um caso de censura no qual os pais excluíram um vídeo de uma das alunas devido a mesma sofrer *bullying* dos colegas da sala de aula devido a um problema de fala. O episódio demonstra que embora as crianças tenham autonomia nos seus espaços de atuação midiáticos os pais monitoram essas atividades e estão de prontidão para auxiliar e conter os danos causados por essa exposição precoce. Os pais intervirem excluindo vídeos para evitar um constrangimento ainda maior para a criança que foi tachada nos comentários de “retardada” por gaguejar durante a leitura do livro. O episódio em si permitiria um viés discursivo sobre preconceito, exposição precoce, atuação dos pais, crianças que independente de suas limitações querem ter seu espaço, mas essas questões no escopo desse artigo ficarão apenas na reflexão, reafirmando apenas uma triste realidade, a sociedade independente de sua faixa etária não está preparada para a diversidade sempre haverá um lampejo de preconceito e crítica em cada aldeia seja ela real ou midiática.

A segunda categoria titulada interação/motivação teve como objetivo identificar as motivações de criação e permanência dos *vlogs* e a interação com os inscritos. No que concerne a motivação tanto para criação como para permanência foi reafirmado a influência de outros canais e a existência a partir dessa influência da necessidade de ser ter o próprio espaço. Outro fator motivador foi a amizade gerada com os inscritos. A interação com outras crianças de outras cidades que são inscritas no canal e comentam os vídeos tem sido uma constante nos *vlogs*, mas algo que as crianças pontuaram como de maior valor foi a amizade com coleguinhas da mesma escola, mas de outra turma o que revela que mesmo estando no mesmo ambiente eles não conversavam entre si surgindo uma amizade a partir da conexão, do midiático, o virtual gerando valores no real, influenciando gerações e gerando amizades.

A terceira categoria titulada protagonismo midiático infantil teve como objetivo demonstrar se esse protagonismo influencia no cenário escolar no que concerne ao processo de aprendizagem, se há algum diferencial na inserção desses alunos nas séries seguintes? No que concerne ao processo de aprendizagem foi perceptível diante da fala dos alunos e posteriormente confirmado com os professores que os alunos que tem *vlog* são mais participativos nas aulas e tiram as notas mais altas, um fato curioso citado por um aluno e confirmado pela maioria é que os pais utilizam como punição o fato de não postar conteúdo no *vlog* devido algum comportamento inadequado, os pais veem os *vlogs* também como oportunidade de disciplina. Quanto a inserção nas séries seguintes o grande diferencial posto pelo grupo foi a popularidade, inscritos que viram amigos. Diante dessa pequena amostra e das impressões obtidas ficou claro que o cenário midiático é rico em oportunidades de troca e compartilhamento de informações, mas que ainda é espinhento e doloroso em suas críticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho visou abordar a participação de crianças no ambiente virtual, especificamente, na rede social *Youtuber*, de modo a possibilitar a influência dessas crianças no processo de mediação da informação, sobretudo divulgando conteúdo sobre as histórias dos livros lidos.

Verificou-se que este fenômeno é recente, estando ainda em processo de análise dos desdobramentos dessa prática nas redes sociais. Nos meandros da informação

mediática percebemos surgir várias representações de uma infância que é moldada por uma nova conjuntura social.

Uma geração desejava por compartilhar o gosto pela leitura através da arte de contar histórias, amizades que são tecidas na conexão que rompe barreiras entre o real e o virtual, mas que separa, que expõem as diferenças e que gera constrangimento pela ausência de compreensão, pela falta do diálogo. Ausência de uma participação ativa por parte dos pais não mais limitada só a mediação de conflitos, mas na construção dos filhos, da exposição dos filhos, os pais literalmente sentam na poltrona e assistem, tal escolha tem um alto preço para quem está na tela e tem suas limitações julgadas. Um vídeo é excluído não por ter conteúdo inadequado, havia poesia, leitura e amor, mas por um rótulo que gerou estereótipos, se ter um canal é ser aceito então quem julga essa aceitabilidade? O público? Então o público escolhe o que é apresentado, soa como algo manipulado. E diante das críticas o recuo, a vergonha, a exclusão. São episódios como esse que devem gerar reflexão sobre quem é o verdadeiro protagonista? A mídia é um palco, o *youtuber* uma fogueira, mas quem está mantendo o fogo aceso? Os inscritos.

Os livros voltam para as estantes, os equipamentos tecnológicos são guardados até a próxima notificação, as histórias ainda continuam mágicas mesmo com essa nova roupagem e através de sua imortalidade narrativa perduram as gerações influenciando, gerando, compartilhando, mostrando que ainda há humano no ser humano.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 2, n.1, p. 89 – 103, jan. /dez. 2009. Disponível em:

<<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/view/17/39>> Acesso em: 13 jan. 2017.

Bardin, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Editora. 2006.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação**: economia, sociedade e cultura, v. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação e narrativa na voz dos contadores de histórias. In: BORTOLIN, Sueli, SANTOS NETO, João Arlindo, SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015, p. 107 – 125.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1995, 164 p.

COENTRO, Viviane Silva. **A Arte de contar histórias e letramento literário: possíveis caminhos**. 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Institutos de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000433074&fd=y>> Acesso em: 10 de jan. de 2017.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2007.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? **Prisma**, n. 4, p. 3-36, jun. 2007. Disponível em: <http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

FIALHO, Janaina Ferreira; ANDRADE, Maria Eugênia. Comportamento Informacional de crianças e adolescentes: uma revisão de literatura estrangeira. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 1, p. 20-34, jan/abr. 2007.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento: a educação na era da insegurança**. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo: IFLA, 2006. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

KUHLTHAU, Carol Collier. **O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem**. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.

_____. Inside the search process. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2000.

MACEDO, Neusa Dias de. **Manifesto IFLA/UNESCO para Biblioteca Escolar**. São Paulo: IFLA/UNESCO, 2005. <Disponível em : <<http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm> >

. Acesso em: 30 jan. 2017.

OLIVEIRA, A. A. R.; LEITE FILHO, C. A. P.; RODRIGUES, C. M. C. O Processo de construção dos grupos focais na pesquisa qualitativa e suas exigências metodológicas. In: ENANPAD, 31., 2007, Rio de Janeiro. **Anais ...** Rio de Janeiro: Anpad, 2007.

ONG, W. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

PHILIP, Neil. Chapeuzinho Vermelho. In: PHILIP, Neil. **Volta ao mundo em 52 histórias**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998.

POZO, Juan Ignacio. A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento. **Revista Pátio**. Ano VIII, n. 31- *Educação ao Longo da Vida – Ago/Out*. 2004. Disponível em: <http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386> Acesso em: 08 de jan. de 2017.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Recursos de informação: serviços e utilizadores**. Lisboa: Universidade Aberta. 2010.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2 ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2001.

WESCHENFELDER, Eládio Vilmar. Leitura em tempos de cibercultura. In: _____. **Práticas leitoras para uma cibercivilização: vivências interdisciplinares e multimídiais de leitura**. Passo Fundo: UPF, 2009.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

SOBRE OS AUTORES

Rayara Bastos Barreto

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Atua como Bibliotecária no cenário escolar. Contadora de histórias. Coordenadora do grupo de contação de histórias Reino Encantado. Vice líder da biblioteca Livre Direito de Ler no Tribunal Regional do Trabalho da 7ª região (TRTCE), na modalidade voluntária.

E-mail: rayarabastos@gmail.com

Laiana Ferreira de Sousa

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI - UFPB). Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB). Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

E-mail: laiana_ffsousa@hotmail.com

Recebido em: 19/03/2017; **Revisado em:** 18/04/2017; **Aceito em:** 20/05/2017.

Como citar este artigo

BARRETO, Rayara Bastos; SOUSA, Laiana Ferreira de. Protagonismo midiático infantil: análise do comportamento informacional de vlogueiros contadores de histórias. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 197-216, out. 2017.